



C.D.
J.R.

BOLETIM

Nº 149

FEVEREIRO DE 1961

120 ANOS

BOLETIM DA CP

ÓRGÃO DA INSTRUÇÃO PROFISSIONAL DA PESSOA DA COMPANHIA

PROPRIEDADE

DA COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO
PORTUGUESES

Editor: Comercialista Carlos Simões de Albuquerque

DIRECTOR

O DIRECTOR GERAL DA COMPANHIA
Engenheiro Alvaro de Lima Henriques

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Companhia

ADMINISTRAÇÃO

LARGO DOS CAMINHOS DE FERRO — Estação
de Santa Apolónia

SUMÁRIO : Uma carta a Garcia. — O castelo e a vila de Monsanto. — Digressão literária. — Consultas e Documentos. — Factos e Informações. — Pessoal.

Tomou já foros de vulgaridade a expressão «levar a carta a Garcia». Nem todos, porém, conhecem o seu significado. Vamos, por isso, publicar Uma carta a Garcia, artigo que deve ser lido e meditado, por relatar um facto que constitui um exemplo digno de ser seguido.

Uma carta a Garcia

Explicação prévia

I

ESTE pequeno trabalho literário, «Uma carta a Garcia», foi escrito à noite depois de cear, numa só hora, a 22 de Fevereiro de 1899, aniversário natalício de Washington, quando íamos imprimir *O Filisteu* de Março. O tema brotou com calor do fundo do meu coração.

Escrevi-o depois de um dia de fadigas em que me tinha esforçado por induzir uns camponeses a saírem do estado comatoso e a serem eficazmente activos e empreendedores.

Não obstante, a idéia veio duma pequena discussão sobre chávenas de chá, quando meu filho Alberto sugeriu que Rowan foi o verdadeiro herói da guerra de Cuba. Rowan tinha ido sózinho e havia cumprido a sua missão: levou a carta a Garcia.

Imediatamente vi que, de facto, o rapaz tinha razão; o herói é sempre aquele que faz o seu trabalho, o que leva a carta a Garcia.

Levantei-me da mesa e escrevi «Uma carta a Garcia».

Pensei tão pouco nela que a publicámos sem título, na revista. Esta saiu e logo começaram a chegar encomendas para remessa de exemplares de *O Filisteu* de Março: uma dúzia, cinqüenta, cem. E quando a Companhia Americana de Notícias pediu um milhar preguntei que artigo tinha despertado tanta atenção. «Foi o que se refere a Garcia» — responderam-me.

No dia seguinte recebi um telegrama de Jorge H. Daniels, da Companhia dos Caminhos de Ferro Centrais de Nova York:

«Dê-me orçamento para cem mil exemplares artigo Rowan em forma de folheto,

anunciando na capa o «Empire State Express», e diga quando pode embarcá-los».

Respondi indicando o preço e que entregaria os folhetos dentro de dois anos. Os nossos recursos eram poucos e o fornecimento de cem mil folhetos parecia-me uma grande emprêsa.

II

Em vista disso autorizei o Sr. Daniels a imprimir o artigo como quisesse. Publicou-o com a forma de folheto, em edições de meio milhão. Dois ou três destes lotes foram lançados a público pelo Sr. Daniels. Além disso, o artigo foi transcrito em mais de duzentas revistas e jornais e traduzido em todas as línguas.

Encontrava-se então nos Estados Unidos o Príncipe Illakoff, director dos Caminhos de Ferro Russos. Era hóspede da Companhia Americana e visitava o país em companhia do Sr. Daniels. O Príncipe viu o folheto e interessou-se por ele, talvez mais porque o Sr. Daniels o distribuía em grandes quantidades do que por qualquer outro motivo.

Caso é que, quando regressou à pátria, mandou traduzir o folheto e distribui-lo por todos os empregados dos Caminhos de Ferro Russos.

Da Rússia passou mais tarde o folheto à Alemanha, à França, à Espanha, ao Indostão e à China.

Durante a guerra russo-japonesa, a todos os soldados foi entregue um exemplar da «Carta a Garcia». Os japoneses, quando encontraram os folhetos em poder dos prisioneiros russos, mandaram-nos traduzir. E uma ordem do Míkado prescreveu seguidamente que a todos os funcionários do Governo japonês, civis ou militares, fosse entregue um exemplar.

Imprimiram-se mais de 40 milhões de exemplares da «Carta a Garcia». Diz-se que é a maior tiragem que, segundo há memória, e graças a circunstâncias felizes, jamais teve qualquer trabalho literário em vida do seu autor.

Uma carta a Garcia

Em toda a guerra de Cuba há um homem que aparece no horizonte da minha memória como Marte no periélio.

Quando surgiu a guerra entre a Espanha e os Estados Unidos, era necessário entrar rapidamente em comunicação com o chefe dos insurrectos cubanos. O general Garcia encontrava-se nas montanhas agrestes de Cuba, mas ninguém sabia onde. Não havia meio de comunicar com ele, nem pelo correio nem pelo telégrafo. O Presidente dos Estados Unidos tinha de assegurar, com a maior urgência, a sua cooperação. Como proceder?

Alguém disse ao Presidente: — «Há um homem chamado Rowan que talvez possa encontrar Garcia, se é que alguém o pode fazer».

Mandou-se chamar Rowan e deu-se-lhe uma carta para entregar a Garcia.

Rowan pegou na carta, guardou-a numa bolsa impermeável, colocou-a sobre o coração. Quatro dias depois, de noite, desembarcou dum pequeno barco na costa de Cuba. Internou-se no mato. Ao cabo de três semanas saiu pelo outro lado da ilha, depois de ter atravessado a pé um país hostil e de ter entregado a carta a Garcia.

Não pretendo contar como ele fez tudo isso.

O ponto que desejo salientar é este: o Presidente Mac-Kinley deu uma carta a Rowan para a entregar a Garcia. Rowan pegou na carta e não preguntou: «Onde é que ele se encontra?».

A figura deste homem deveria esculpir-se em bronze para se colocar em todas as escolas do mundo. Não é de aprender nos livros que a juventude necessita, nem de instrução acerca disto ou daquilo; mas de temperar os nervos, ser leal, actuar com rapidez, concentrar as energias, fazer o que deve, *levar uma carta a Garcia*.

Não há ninguém empenhado em levar a cabo uma emprêsa que necessite de muitas mãos que não se tenha sentido, em certas ocasiões, quase desanimado pela imbecilidade da maioria dos homens, pela sua inépcia

ou falta de vontade para concentrar a atenção numa causa e fazê-la.

Cooperação deficiente, freqüente falta de atenção, indiferença revoltante e trabalho feito sem entusiasmo são a regra geral. Nenhum homem triunfa se não conseguir, por ameaças ou por suborno, forçar outros homens a ajudá-lo, a não ser que Deus, na sua infinita bondade, faça o milagre de lhe enviar um anjo de luz como auxiliar.

Experimente o leitor. Está sentado no seu escritório. Tem seis empregados à sua disposição. Chame qualquer deles e diga-lhe: — «Tenha a bondade de consultar uma enciclopédia e escrever uma nota breve sobre a vida de Correggio». O empregado, dôcilmente, dirá: — «Sim, senhor». ¿Julga que irá, sem mais demora, cumprir a tarefa? Nunca. Fitará o leitor, com olhar inexpresivo, e fará uma série de preguntas como estas:

- «Quem foi Correggio?».
- «Que enciclopédia hei-de consultar?».
- «Onde está a enciclopédia?».
- «Não é para isso que eu sou empregado?».
- «Não quererá dizer Bismarck?».
- «Porque é que o Carlos não escreve a nota?».
- «Já morreu?».
- «Há pressa?».
- «Não poderá ficar para amanhã?».
- «Não será melhor que lhe traga o livro para ver?».
- «Para que deseja essa nota?».

Aposto dez contra um que, depois de o leitor ter respondido à pregunta e explicado o modo de obter a informação e a razão pela qual a necessita, o empregado irá chamar outro para que o ajude a encontrar Garcia e voltará dizendo que êsse homem não existe. É claro, posso perder a aposta, mas, na maioria dos casos, ganhá-la-ei.

Se o leitor fôr esperto, não perderá o tempo a explicar ao seu «ajudante» que Correggio está na letra C da enciclopédia e não na letra K, e, sorrindo amavelmente, dirá: — «Deixe», e, por si próprio, arranjará a nota.

Esta incapacidade para a acção independente, esta estupidez moral, esta fraqueza de vontade, esta inaptidão para lançar mãos à obra, são causas que hão-de relegar para um futuro longinquo o socialismo puro.

Se os homens não agem por si próprios, ¿que farão quando o benefício dos seus esforços fôr dividido por todos?

Parece que é necessário um capataz armado de garrote; é o temor de serem despedidos ao sábado, à noite, que retém muitos operários nos seus postos.

Peça por anúncio um taquigrafo. Em dez que se apresentem, nove não sabem escrever correctamente, nem pontuar, nem julgam isso necessário.

¿Poderá algum deles escrever uma carta para Garcia?

— «¿Vê o senhor aquêle guarda-livros?»

— dizia-me o chefe duma grande fábrica.

— «Sim, que tem?».

— «É um magnífico guarda-livros; se o mandar, porém, tratar de um negócio na cidade, pode ser que se desempenhe do encargo, mas também pode suceder que, depois de ter entrado em quatro cafés que encontrou no caminho, quando chegar à rua indicada se tenha esquecido do que tinha a fazer».

¿Poder-se-á confiar a tal homem a missão de levar uma carta a Garcia?

Recentemente ouvi lamentar, com fingida simpatia, a sorte dos operários oprimidos nas fábricas e daqueles que, sem casa, buscam um emprego honesto. Naturalmente as lamentações eram acompanhadas de palavras ásperas para os governantes.

E, todavia, ninguém diz nada do chefe que envelhece precocemente pelo vão intento de conseguir que os inúteis façam um trabalho inteligente e pela luta prolongada e paciente contra os empregados que não fazem nada, desde que élé volta as costas.

Tôdas as lojas e fábricas se estão depurando constantemente dos maus elementos. O chefe, com freqüência, despede os empregados que demonstraram a sua incapacidade para fazer prosperar os negócios, e escolhe outros. A selecção continua, tanto quando os tempos correm bem como quando

correm mal. É mais apertada quando os tempos vão maus e o trabalho escasseia. Mas em qualquer caso será sempre despedido o incompetente ou indigno. É a vitória dos mais aptos. O próprio interesse leva o chefe a conservar os melhores, aqueles que são capazes de levar cartas a Garcia.

Conheço um homem dotado de brilhantes qualidades, mas que não tem habilidade para tratar dos seus negócios e é absolutamente incapaz de cuidar dos de outrem, porque constantemente traz consigo a vã suspeita de que o seu chefe o persegue ou pretende oprimi-lo. Não pode mandar nem obedecer. Se lhe dessem uma carta para Garcia, provavelmente responderia:— «Leve-a o senhor».

De noite, este homem vagueia pelas ruas em busca de trabalho. O vento sopra-lhe no fato esburacado. Mas ninguém que o conheça se atreve a empregá-lo, porque é um facho aceso de descontentamento; impenetrável à razão, a única cousa que o pode impressionar é a extremidade de uma bota número nove, de sola grossa.

Bem sei que um ser assim, moralmente disforme, é tão digno de lástima como o fisicamente estropiado. Mas é necessário também que, na nossa comiseração, não nos esqueçamos dos homens que se esforçam por levar a cabo as grandes empresas, onde, trabalhando entre apupos, envelhecem prematuramente na luta contra os indiferentes, os imbecis ociosos e os ingratos sem coração.

Expressei-me com dureza?

É possível que sim; mas quando todos

mostram piedade pelos maus eu desejo dedicar uma palavra de simpatia ao homem que triunfou, ao que, contra os maiores obstáculos, dirigi os esforços de outros e que, tendo chegado ao fim da empreza, verifica que nela só, escassa e honradamente, ganhou alimentos e roupas.

Transportei às costas comida de rancho, trabalhei à jorna, fui chefe de trabalhadores. Sei o que se pode dizer a favor de pobres e ricos, dirigentes e dirigidos.

Não há excelência, por si, na pobreza; os andrajos não servem de recomendação. Nem todos os chefes são rapaces e arbitrários, assim como nem todos os homens pobres são virtuosos.

O meu coração está com o homem que executa a tarefa que lhe incumbe, esteja ou não o patrão na loja.

Ao homem que, quando se lhe entrega uma carta para Garcia, obedientemente pega nela, sem fazer perguntas desnecessárias e sem a intenção oculta de a deitar na valeta mais próxima, ao homem que não pensa noutra cousa senão em entregar essa carta; a esse homem nunca falta trabalho, nem precisa declarar-se em greve para obter salários mais elevados.

É desses homens que a civilização precisa em larga escala. Tudo quanto esses homens peçam deve ser-lhes concedido.

É desses homens que as cidades, as vilas, as aldeias, as repartições, as lojas, os escritórios e as fábricas necessitam.

O mundo chama por esses homens; e, na verdade, o que é indispensável é o homem que saiba levar «uma carta a Garcia».

Ferroviários!

Não esqueci o exemplo que nos dá a

«Carta a Garcia»

O castelo e a vila de Monsanto

Pelo Sr. Manuel Tavares dos Santos, Chefe da 6.ª Secção da Via e Obras

No cimo de um asperrímo monte da Beira, entestando com o castelo de Trebejo da Extremadura espanhola, destaca-se numa extensão de muitas léguas em redor o vistoso castelo de Monsanto que, mercê da sua situação privilegiada, era outrora considerado um baluarte inexpugnável.

Esta antiga e venerável fortaleza, hoje muito arruinada pela acção inexorável do tempo e pelo vandalismo dos homens, é caracterizada por dois alterosos penedos que junto dela se erguem, tornando-a inconfundível e que os castelhanos designavam por *orejas de mullo*.

Segundo a tradição, foi a antiga vila de Monsanto, no tempo de Viriato, cercada pelos romanos comandados pelo cônsul Lúcio Emílio e só ao cabo de sete anos de cerco se rendeu, tendo os sitiados saído do castelo para morrer, atacando denodadamente os inimigos.

A seguinte quadra traduz o respeito que infundia aos castelhanos o altaneiro castelo, alcandorado, qual ninho de águias, sobre os alcantilados fraguedos:

Monsanto, Monsanto,
Orejas de mullo!
El que te gañar,
Gañar puede el mundo!

O povo de Monsanto mantém a tradição de arremessar do castelo, todos os anos, no dia 3 de Maio, cãntaros floridos que vêm quebrar-se nas penedias, para rememorar a

data em que, por ocasião de um apertado cerco, no tempo dos mouros, foi dali lançado pelos sitiados um gordo vitelo com o estômago cheio de trigo, para dar a ilusão aos sitiados de que a fortaleza se encontrava abundantemente abastecida.

As antigas armas de Monsanto (talvez do tempo dos romanos) constavam de uma águia, à qual D. Manuel I juntou a esfera armilar.

Edificada junto ao castelo e orientada no sentido nascente-poente, está a ermida de S. Miguel, de uma só nave, que se encontra, deploravelmente, muito desmantelada.

Nas ruínas desta ermida, de arquitectura românica, nota-se ainda, na fachada do lado do poente, a porta principal formada por arcaturas de volta inteira, sobrepostas, sobre capitéis ornamentados com motivos animais e vegetais.

Na fachada, do lado do Norte, vê-se a porta lateral da nave em arco de volta inteira, muito singelo e sem capitéis. Tanto esta fachada como a do lado do sul são de alvenaria aparelhada, de fiadas horizontais.

Pelo chão, esparsos, interior e exteriormente, deparam-se-nos alguns restos de elementos arquitectónicos: as cruzes terminais das empenas, a mesa do altar, a pia baptismal, fragmentos de colunelos, etc..

Quando o exército hispano-francês assediou o castelo de Monsanto, em 1704, saíram



Construído sobre um penedo de granito, o campanário de S. Pedro de Vir-a-Corça, com as suas pedras careomidas, destacando-se sobre as ramaras, evoca-nos no seu isolamento o anacoreta Santo Amador.



As ruas da povoação, estreitas e acidentadas, têm um aspecto medieval.

da vila, por ordem do governador, os velhos, as mulheres e as crianças. Porém, o velho vigário de S. Miguel quis ficar no castelo, respondendo a sorrir ao governador, que o havia convidado também a retirar-se:

«Alquebraram-me os anos as pernas que são já sem forças para grandes caminhadas de forçada fuga. Pois aqui me fico convosco, que pode bem acontecer que algum de vós necessite dos socorros da santa religião».

Quasi no sopé da montanha, ao nascente do castelo, existem as ruínas de outra Igreja,

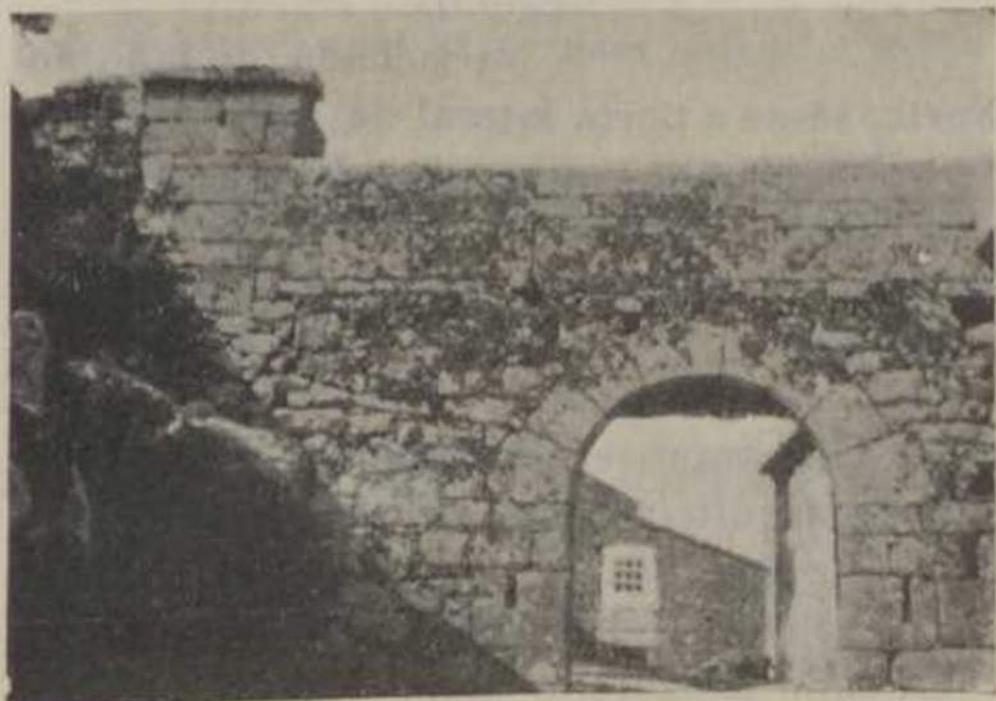


Torre do relógio

denominada de S. Pedro de Vir-a-Corça, também no estilo românico e orientada no sentido nascente-poente.

Este templo, cujas paredes eram também de alvenaria aparelhada de fiadas horizontais, era de planta rectangular com três naves correspondentes à capela-mór e a duas absidiolas.

A porta principal, do lado do poente, é formada por pilastras que suportam arcos levemente quebrados e cujas impostas são ornamentadas. Na empena, sobre a porta principal, nota-se uma rosácea lobulada.



Uma porta da velha muralha que foi teatro de gloriosas façanhas.



Uma das torres do velho castelo em ruínas e restos das muralhas



As casas da vila mantêm as características da antiga casa portuguesa beira.

As portas laterais são também formadas por arcos levemente quebrados sobre tímpanos lisos.

A cornija assenta sobre modilhões ornamentados.

Interiormente vêem-se quatro colunas que



Uma torre do castelo, erguendo-se majestosa sobre os penedos graníticos.

não são românicas e que, por isso, não parecem coevas da primitiva fábrica. Numa destas colunas existem restos do púlpito.

Dispersos pelo chão, como na ermida de S. Miguel, vêem-se restos de elementos arquitecturais: a pedra que constituía a mesa do altar-mor, o colunelo onde apoiava a pia da água benta, fragmentos da cornija, modilhões, silhares, etc..

Jorge Cardoso, no *Agiológio Lusitano*, afirma que a Igreja de S. Pedro de Vir-a-Corça, que dista uma légua de Idanha-a-Velha (sede do antigo bispado da Egiptânia), é



Um interessante aspecto da povoação.

tão antiga que servia de retiro aos bispos, na estação calmosa, no tempo dos godos.

Viveu muitos anos nesta ermida, alheado das coisas do mundo e exclusivamente ocupado em penitências e louvores divinos, o Ermitão Santo Amador que, segundo refere a lenda, tendo encontrado uma criança abandonada e vendendo-se em sérias dificuldades para alimentá-la, se lhe deparou uma corça, que passou a vir todos os dias e a hora certa, para amamentar a criança, que viveu, se fez sacerdote e foi o sucessor daquele Anacoreta.

Jorge Cardoso, que narra pormenorizada-

mente esta lenda no *Agiólogo Lusitano*, assevera que tudo quanto escreveu acerca de Santo Amador «lhe constou por um autêntico sumário de testemunhas, tirado pelo licenciado Miguel Freire Machado, Prior de S. Miguel da Vila de Monsanto, Arcipreste nela e seu distrito, de Julho de 1640, e de outros papéis e relações de pessoas fidedignas, naturais dela, nas quais se conserva muito fresca a tradição».

Acrescenta ainda o mesmo escritor que ao tempo em que fez a narração destes sucessos, a propósito da descrição da vila de Monsanto, se conservavam ainda os ossos de Santo Amador num dourado cofre, forrado de cetim carmezim, fechado a duas chaves, no altar de S. Pedro de Vir-a-Corça.

Os campanários das Igrejas de S. Miguel e de S. Pedro de Vir-a-Corça foram construídos fora dos respectivos edifícios e assentes sobre os penedos adjacentes.

Esta circunstância imprimiu-lhes um cunho de originalidade e de poesia.

Na antiga vila de Monsanto tem o visitante a impressão nítida de se encontrar num velho burgo medieval. As pitorescas e típicas casas de granito enegrecido pelo tempo, com os seus *balcões* salientes, mantêm, indelèvelmente, nas tortuosas e accidentadas *quelhas*, o aspecto característico da Idade Média. E a sua população conserva sobremaneira vividas as tradições e a maior parte dos usos e costumes de antanho.

Do alto do castelo disfruta-se um panorama belo, soberbo, arrebatador. Espaia-se a vista encantada sobre áridas campinas, sobre ridentes vales e sobre infindas serranias. Tem-se ali, sobre os alterosos penhascos, uma impressão de domínio de uma grande extensão da Terra

e do Espaço. E ao evocarem-se as renhidas pelejas que a História regista, acha-se uma justificação natural e fácil dos lendários actos de bravura dos heróicos defensores da nobre vila de Monsanto, esforçados guardiões da fronteira de Portugal.



Pátio da Igreja de S. Miguel do Castelo

A verdadeira sabedoria humana não está
em saber distinguir e criti-
car os erros alheios;
mas sim em saber evitar os próprios.

REQUIÃO

Momento de ansiedade . . .

Foto. do Engº Sebastião Hora e Costa,
Chefe de Serviço.



Dígressão literária.

D. António da Costa de Sousa de Macedo, mais vulgarmente conhecido por D. António da Costa, nasceu em Lisboa em 1824 e faleceu em 1892. Foi um escritor distinto e culto. Entre as suas obras destacam-se Dois Mundos, No Minho, História da instrução popular em Portugal e A Mulher em Portugal, da qual extraímos o trecho que se segue:

A Infanta D. Maria e a sua academia literária

E pegando noutro masso abriu-o e sobressaltou-se:

— De Roma! do nosso grande Aquiles Estácio!

E entreleu alvoroçada, como para si:

«Senhora Infanta. — Em tempos antigos, «Gregório, o célebre Bispo de Granada, ofe- «receu a Placídia, filha do Imperador Teo- «dósio, a sua obra magistral *Da Trindade*. «Traduzi esta obra. Se Placídia era grande «na erudição...»

(Aqui a Infanta calou-se repentinamente e o Vedor percebeu que ela corara até à raiz dos seus cabelos loiros).

— Parece que a população de Roma é lisongeira. Pegou-se o contágio a Aquiles Estácio.

E tomando outra vez nas mãos o manuscrito, acabou de ler para si a dedicatória do livro, corando sempre.

Mas, se a Infanta suspendeu a dedicatória diante do Vedor, perdõe-nos Sua Alteza a indiscrição de nos atrevermos a devassar os seus segredos. A dedicatória acrescentava:

«Se Placídia era grande na erudição, ainda «Vossa Alteza a excede na sua propensão «para as letras, e na boa ordem da sua vida. «Por isto, perdõe-me a benevolência de «Vossa Alteza se coloco o meu opúsculo «sob o afamado nome de tal Princesa.»

A Infanta, poisando o manuscrito, perguntou ao Vedor:

— Levaram os socorros às famílias que eu ontem indiquei?

— Sim, minha senhora. Se Vossa Alteza

imaginasse como elas me queriam beijar as mãos, por mais que eu lhes dissesse que as mãos donde essas esmolas vinham eram mais alvas do que as minhas! Algumas daquelas famílias têm os maridos e os filhos na África e na Índia. Estavam a morrer à fome. A outras ficaram lá mortos nas guerras, ou no serviço d'el-Rei.

A Infanta D. Maria, impressionável como era, estremeceu, e entredisce:

— No serviço d'el-Rei, e da Nação.

E encostando à mão a cabeça, ficou-se a reflectir; e acrescentou:

— Aprazendo a Deus, escreverei amanhã a el-Rei, meu Senhor.

E logo após:

— Levou a minha recomendação ao senhor Cardeal a favor do clérigo pobre de Marvila, que solicita colocação em Évora?

— Sua Alteza Eminentíssima estava muito achacado. Quando lhe levaram recado de que o procurava da parte da Senhora Infanta, logo me admitiu, e me disse que os desejos de Vossa Alteza seriam satisfeitos. Vossa Alteza bem sabe quanto o senhor Cardeal quere à sua irmã valida.

— Bom irmão! Pesar me faz o vê-lo assim tão achacado e adiantado em anos. Outra coisa, João Rodrigues, e vai-se rir: preveniram-me as minhas damas, de que, ao sairmos do paço, quando as gentes do povo nos rodeiam para pedirem esmola, se vê um homem... olhando muito atento (atento até de mais)... espécie de tresloucado, que não se entende bem o que deseja... A última vez que saímos, notei-o também. Informe-se e diga-me o que seja.

— Já o sabia, senhora Infanta. Nada de cuidado — acrescentou o Vedor, sorrindo.

— Mas então, o João Rodrigues sabe, e cala-se?

O Vedor fez um gesto para responder, mas disfarçou, como quem desejava não ser interrogado. Já vimos, que ele, no meio da sua seriedade, nunca perdera o fraco feminino, e era indulgentíssimo neste ponto com os seus companheiros de infortúnio. A Infanta insistiu.

— Vossa Alteza manda. Aquele homem é necessitado, mas não é um pedinte. Diz que nunca viu uma reunião de formosuras como as donzelas de Vossa Alteza. Vem, aguarda, mira, parece extático de pasmo, e fica-se todo embebido na comitiva que sai do paço. Precisa de indulgência, senhora Infanta; e tanto mais... — (acrescentou o Vedor, cerrando ligeiramente os olhos, e com a paternal confiança a que a Infanta achava graça) — que o maior pasmo daquele pobre devoto é diante do painel principal, que parece ter sido pintado por mão de mestre.

— Pois, meu Vedor, — atalhou suavemente a Princesa, que, a pesar de *Infanta D. Maria*, nem por isso deixava de ser *filha de Eva* — se bem que esse pasmo proceda de afecto natural, é bom, para evitar mais ocasiões de embevecimento diante da frágil beleza das minhas donzelas, que esse pobre poeta se ocupe noutro mister. Que não volte ao paço; e veja quanto antes, João Rodrigues, o que para ele possamos solicitar del-Rei, ou que ofício da minha fazenda se ajeite à sua condição.

— Será como Vossa Alteza manda; e por ele, peço licença para beijar a mão de Vossa Alteza.

Havia algum tempo, que a aia viera apressada chamar a Camareira-mor, segredando-lhe assunto que a inquietou, e a fez sair logo. Sentiu-se depois um rumor na câmara vizinha; chegava apressurada à porta D. Constança.

— Senhora Infanta! senhora Infanta!

A Infanta voltou-se e olhou. A Camareira-mor relatou resumidamente o caso. Havia pouco fôra encontrado junto de uma das portas do jardim um embrulho contendo uma criança pouco mais que recém-nascida.

— Trouxeram-na para o paço os familiares, — concluía a narradora — e temos hesitado sobre o que fizéssemos. Finalmente figurou-se-me que o mais acertado era receberem-se as ordens de Vossa Alteza.

A Infanta ergueu-se sobressaltada, e disse logo:

— Uma engeitadinha! nos meus paços! Tragam-ma.

A Camareira-mor saiu do gabinete, e em seguida a aia tornou com a criança nos braços.

— Meu Deus! uma inocente!

A Infanta achegou-se. Dentro da trapagem que envolvia a menina, achou um escrito, que leu:

«Senhora Infanta. — Meu marido acaba de morrer na fronteira de África, não chegando a ver a sua filha. Não tenho leite; nem coração para a lançar na roda. Vossa Alteza bem sabe o que é uma filha sem mãe. «Valei-me, senhora! e pelo amor de Deus não a abandoneis. Ainda não está baptizada...»

A Infanta, estremecendo, olhou instintivamente para o grande retrato da Rainha, que lhe ficava fronteiro, e não pôde reprimir as lágrimas. Pareceu-lhe que a Rainha lhe sorria. Passaram-se instantes. A criança, entre farrapos, no meio daquela sumptuosidade, tinha adormecido no colo da aia. A Infanta recebeu-a nos braços, poisou-lhe os lábios na testa, ligeiramente, para não a acordar, olhou de novo para o retrato da Rainha mãe como se lhe quisesse ofertar a pequenina, e logo para o Vedor:

— João Rodrigues, dizei a frei Francisco Foreiro, que amanhã há-de baptizar esta pequenina *Leonor*, minha filha adoptiva.

Voltou-se em seguida para a Camareira-mor:

— Procurem-lhe já na vizinhança uma ama, que a venha aleitar.

E de novo para o Vedor, graciosamente:

— Quem nos diria, João Rodrigues, que o despacho de hoje havia de acabar assim?

O Vedor quis responder, mas a garganta não lhe deu licença. Beijou a mão da Infanta, foi recuando até à porta, e fazendo dali uma profunda reverência, desapareceu.

Consultas e Documentos

CONSULTAS

Tráfego e Fiscalização

Tarifas:

P. n.º 755.— Peço me sejam pormenorizadas as seguintes taxas:

2 Cascos com vinho, 1.809 quilos, de Lisboa-Jardim a Pereiras, em p. v..

1 Ceira com pregos, 25 quilos, de Lisboa-Jardim a Pereiras, em p. v..

20 Sacos com açucar refinado, 500 quilos, de Lisboa-Jardim a Pereiras, em p. v..

1 Saco com arroz, 500 quilos, de Lisboa-Jardim a Pereiras, em p. v..

R.— O consultante não é completo nas perguntas, provando com isso não ter presente as disposições do artigo 61.º da Tarifa Geral.

Não diz quais são as espécies do vinho e dos pregos, nem esclarece se o arroz é apresentado com ou sem casca.

Para efeito dos processos de taxa, vamos considerar o vinho de pasto; o prego de ferro; e o arroz sem casca.

Os pormenores das taxas vão pela ordem das perguntas.

De Barreiro para Pereiras, 211 Km.

1.º — Tabela 9:

Preço 7\$60 × 11 × 1,81	151\$32
Manutenção 1\$00 × 11 × 1,81	19\$91
Comp.º do imp.º ferroviário { Selo 5,05 % ..	7\$65
Assistência	\$15
Registo e aviso de chegada	1\$10
.....	180\$13
Adicional de 10 %	18\$02
.....	198\$15
Adicional de 5 %	9\$91
Uso de cais \$20 × 11 × 1,81	3\$99
Carga em Lisboa-J. \$30 × 11 × 1,81	5\$98
.....	9\$97
Adicional de 10 %	1\$00
Adicional de 5 %	\$55
Via fluvial 1\$60 × 11 × 1,81	31\$86
Adicional de 10 %	3\$19
.....	254\$63
Arredondamento	\$02
Total	254\$65

2.º — Tarifa Geral, 2.ª classe:

Preço 10\$96 × 11 × 0,03	3\$62
Manutenção 1\$00 × 11 × 0,03	\$33
Registo e aviso de chegada	1\$10
.....	5\$05
Adicional de 10 %	\$51
.....	5\$56
Uso de cais \$10 × 11	1\$10
Carga em Lisboa-J. \$30 × 11 × 0,03	\$10
Adicional de 10 %	\$12
Via fluvial (mínimo) \$30 × 11	3\$30
Adicional de 10 %	\$33
.....	10\$51
Arredondamento	\$04
Total	10\$55

3.º — Tarifa Geral, 1.ª classe:

Preço 12\$73 × 6 × 0,50	38\$19
Manutenção 1\$00 × 6 × 0,50	3\$00
Registo e aviso de chegada	1\$10
.....	42\$29
Adicional de 10 %	4\$23
Soma	46\$52
Uso de cais \$20 × 11 × 0,50	1\$10
Carga em Lisboa-J. \$30 × 6 × 0,50	\$90
Adicional de 10 %	\$20
Via fluvial 1\$60 × 6 × 0,50	4\$80
Adicional de 10 %	\$48
.....	54\$00

4.º — Tarifa Geral, 3.ª classe:

Preço 10\$30 × 6 × 0,05	3\$09
Manutenção 1\$00 × 6 × 0,05	\$30
Registo e aviso de chegada	1\$10
.....	4\$49
Adicional de 10 %	\$45
.....	4\$94
Uso de cais (mínimo) \$10 × 11	1\$10
Carga em Lisboa-J. \$30 × 6 × 0,05	\$90
Adicional de 10 %	\$12
Via Fluvial \$30 × 6	1\$80
Adicional de 10 %	\$18
.....	8\$23
Arredondamento	\$02
Total	8\$25

DOCUMENTOS

I — Tráfego

Aviso ao Públíco A. n.º 664 — Anuncia a inclusão de Melgaço-Termas-Central no serviço de camionagem Monção-S. Gregório, combinado com a Auto-Viação Melgaço, Lt.^a.

Aviso ao Públíco A. n.º 665 — Anuncia a circulação de combóios especiais na época do Natal e Ano Novo e altera o serviço de mercadorias de grande velocidade nas estações de Lisboa-R. e de Lisboa-P., desde 20 de Dezembro de 1940 até 6 de Janeiro de 1941.

Aviso ao Públíco A. n.º 666 — Estabelece a venda de bilhetes directos simples de Lisboa-Rossio até Sintra para as estações e apeadeiros de Meleças até Torres Vedras ou vice-versa.

Aviso ao Públíco A. n.º 667 — Atribue distâncias próprias ao apeadeiro de Vila Nova de Anços, situado ao

quilómetro 191,385 da linha do Norte, entre as estações de Soure e de Alfarelos.

Aviso ao Públíco A. n.º 668 — Determina que a partir de 6 de Janeiro de 1941 deixa de aplicar-se a concessão especial de que trata o Aviso ao Públíco A. n.º 520 que é anulado, aos transportes de farinhas e de trigo, da Região de Salamanca para a Galiza, em trânsito pelas linhas do Minho e Douro.

Aviso ao Públíco A. n.º 669 — Abertura à exploração do apeadeiro de Aljeruz.

Aviso ao Públíco A. n.º 670 — Anula a Tarifa Especial n.º 4-G. V., em vigor nas linhas do Minho e Douro e do Sul e Sueste.

Aviso ao Públíco A. n.º 671 — Anuncia a reabertura do Despacho Central de Gois, do serviço combinado com a firma Jorge Mariano, entre Louzã e Arganil.

Aviso ao Públíco A. n.º 672 — Anuncia a mudança do Despacho Central Avenidas Novas, da Emprêsa Geral de Transportes.



MONSERRATE



SINTRA

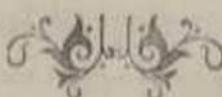


Foto. de Vergílio Fidalgo de Freitas,
Empregado de 2.º classe.

II — Fiscalização e Estatística

Comunicação-Circular n.º 205 — Como esclarecimento ao «Aviso sobre concurso para adjudicação da venda ambulante de água, frutas, doces, café, refrescos e tabacos» nalgumas estações da Companhia, determina a forma de proceder no que respeita aos depósitos a fazer pelos concorrentes.

Comunicação-Circular n.º 206 — Dá instruções acerca do estabelecimento do modelo F 252 para requisição de vagões, de harmonia com o 7.º Aditamento à Tarifa de Despesas Acessórias, cujo preenchimento é obrigatório a partir de 12 de Dezembro de 1940.

Comunicação-Circular n.º 207 — Em virtude das dúvidas suscitadas, esclarece que a classificação estatística a dar a «madeira serrada para caixas» deve ser como F 1 «Produtos florestais — Madeiras».

Comunicação-Circular n.º 208 — Reproduz os espécimes dos novos passes da Direcção Geral de Caminhos de Ferro que, a partir de 1 de Janeiro de 1941, substituem os actualmente em vigor.

Carta-Impressa n.º 282 — Refere-se à redução de 50% concedida sobre os preços da Tarifa Geral para o transporte das Dirigentes da Obra das Mâis e da Mocidade Portuguesa Feminina, que tomam parte na Semana de Estudos, em Lisboa, da Obra das Mâis pela Educação Nacional e da Mocidade Portuguesa.

Carta-Impressa n.º 283 — Comunica ter sido concedida a redução de 50% sobre os preços da Tarifa Geral para o transporte das pessoas que tomam parte no Congresso Luso Espanhol para o Progresso das Ciências, a realizar em Saragoça.

Carta-Impressa n.º 284 — Presta esclarecimentos acerca do disposto no Cartaz E n.º 3829 (Desportos na Serra da Estréla).

Carta-Impressa n.º 285 — Relaciona os passes, bilhetes de identidade, anexos e bilhetes de assinatura extraviados no mês de Novembro de 1940 e que devem ser apreendidos.

Carta-Impressa n.º 286 — Esclarece que os agentes da Companhia, quer no activo, quer reformados, e suas famílias, têm de munir-se das senhas de lotação a que se refere o Aviso ao Públiso A n.º 665.

Carta-Impressa n.º 287 — Chama a atenção do pessoal para as novas condições a que fica sujeito, a partir de 1 de Janeiro de 1941, o transporte de malas postais nos furgões, em serviço nacional.

III — Movimento

Comunicação-Circular n.º 722 — Refere-se aos vagões-cubas particulares, espanhóis, alugados pela Companhia Agrícola do Sanguinal, Lt.ª.

Comunicação-Circular n.º 723 — Indica os números dos vagões «G» da Beira Alta, alugados pela Agência Internacional Aduaneira, Manuel B. Vivas, Lt.ª.

Comunicação-Circular n.º 724 — Refere-se à cedência pela firma Manuel B. Vivas, Lt.ª, de 25 encerados, de sua propriedade, à Companhia da Beira Alta.

Comunicação-Circular n.º 725 — Esclarece a forma de proceder sempre que sejam apresentadas nas estações requisições de vagões para transportes internacionais.

Comunicação-Circular n.º 726 — Refere-se a alterações havidas em vagões de propriedade particular.

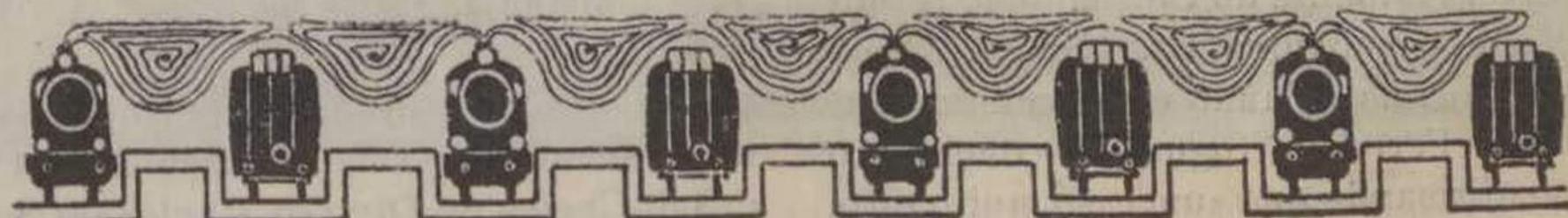
Circular n.º 907 — Determina que as estações procedam à descarga dos vagões completos, imediatamente à sua chegada, sempre que a natureza da mercadoria o permita.

1.º Aditamento à Circular n.º 907 — Torna obrigatório para todas as estações comunicar em partes-diárias (mod.os M 234 e 237) se houve ou não descarga de vagões completos nas condições da Circular n.º 907.

Circular n.º 908 — Recorda as instruções anteriormente dadas para que se evitem demoras no seguimento de remessas, quer de vagão completo, quer parcelares.

Circular n.º 909 — Recomenda o rigoroso preenchimento do registo de entrada e saída de material (mod.º M 171).

Carta-Impressa n.º 1431 — Determina que as cordas e encerados para reparação sejam enviados à Oficina de Alcântara-Terra, no próprio dia em que a avaria se verifique.



Factos e Informações

Homenagem ao Arquitecto Cottinelli Telmo

O Boletim da C. P. tem a satisfação de contar entre os seus assíduos colaboradores o Arquitecto Cottinelli Telmo, antigo funcionário superior da Divisão da Via e Obras.

Os méritos que exornam o espírito de Cottinelli Telmo fizeram com que há muito tempo fosse considerado um valor do escoial intelectual da nossa Terra.

A fama do seu talento ultrapassou o ambiente da família ferroviária e chamou a atenção do Governo, que em boa hora o escolheu para desempenhar o dificilímo cargo de Arquitecto-Chefe da Exposição do Mundo Português, que, mercê da sua actuação, em estreita colaboração com o respectivo Engenheiro-Comissário, foi a mais fulgurante das manifestações de Cultura e Arte que notabilizaram o ciclo de comemorações com que Portugal festejou o oitavo centenário do seu Nascimento (1140) e o quarto da sua Ressurreição (1640).

Sobre a forma por que Telmo desenvolveu a sua acção e levou a cabo a espinhosíssima missão, são testemunhas entusiásticas os quatro milhões de pessoas que, maravilhadas, de Junho a Dezembro de 1940, visitaram a mais edificante Exposição de Arte e Cultura jamais realizada em terras do Império Português.

Na inauguração do Pavilhão dos Caminhos de Ferro e Portos, do memorável certame, o Presidente do Conselho de Administração da Companhia, Ex.^{mo} Sr. Eng.^o Vasconcellos Correia, falando em nome dos Caminhos de Ferro Portugueses, concluiu o discurso afirmando que «um caso muito raro,

quasi um milagre, se dá com esta Exposição: ainda não ouvi dizer mal dela».

«O conhecido espírito crítico dos portugueses tem pouparado esta magnifica e artística lição de História do Mundo Português».

«Dada a raridade do acontecimento, nêle nos fundaremos para dirigir aos organizadores e orientadores da Exposição as nossas mais calorosas felicitações pelo exito da obra realizada».

Fechada a Exposição, o milagre perdurou, pois o público envolveu a sua recordação com auréola de maravilha que só costuma nimbar as lendas e os mais belos sonhos de beleza.

Como galardão pelo talento manifestado e irradiante acção desenvolvida, resolveu o Governo elevar o Arquit.^o Cottinelli Telmo à altíssima dignidade de Grã-Cruz da Ordem Militar de Cristo, uma das mais nobilitantes condecorações nacionais.

O pessoal superior da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses resolveu ofertar a Cottinelli Telmo as insignias da elevada jerarquia a que o Governo o guindara tão justamente.

Para o efeito, realizou-se, no dia 19 de Janeiro do corrente ano, festiva reunião no Casino do Estoril, a que presidiu o Vice-Presidente do Conselho de Administração da Companhia, Ex.^{mo} Sr. Fausto de Figueiredo, acompanhado do Administrador Ex.^{mo} Sr. Eng.^o Mário Costa, do Sub-Director Ex.^{mo} Sr. Eng.^o Vicente Ferreira e do Secretário Geral da Companhia, Ex.^{mo} Sr. Eng.^o A. Branco Cabral.

Assistiram à festa, que comportava almoço de homenagem, os Engenheiros Chefes e Sub-Chefes de Divisão, Chefes de Serviço



Cottinelli Telmo



No almoço de homenagem ao Arquitecto Cottinelli Telmo

e adjuntos, Secretário da Direcção Geral, Médico-Chefe do Serviço de Saúde, Chefe de Serviço da Contabilidade Central e outros funcionários superiores da C. P.

Por motivos imperiosos não puderam comparecer os Ex.^{mos} Srs. Eng.^{os} Vasconcellos Correia e Lima Henriques que se fizeram representar na cerimónia e enviaram expressivos telegramas ao festejado.

Após a leitura de numerosos telegramas de felicitações, o Ex.^{mo} Sr. Eng.^o Branco Cabral dirigiu saudações a Cottinelli Telmo, em nome dos presentes, garantindo-lhe a afectuosíssima admiração dos seus antigos

companheiros de trabalho ferroviário.

Proferiram ainda brilhantes discursos os Ex.^{mos} Srs. Fausto de Figueiredo, Eng.^o Vicente Ferreira e Eng.^o José de Abreu, que salientaram os invulgares merecimentos de Cottinelli Telmo.

O Ex.^{mo} Sr. Fausto de Figueiredo entregou, então, ao homenageado um estojo de veludo que continha as insignias da dignidade a que o elevou oficialmente o Governo, no qual se lia, em letras de ouro:

«Para Cottinelli Telmo,
Grande Senhor da Ordem de
Cristo e Artifice Grande do Renascimento
Espiritual Português – Homenagem dos seus
companheiros de trabalho da C. P.».

Cottinelli Telmo exteriorizou o seu reconhecimento, pela homenagem prestada, com frases que empolgaram o auditório, deixando mais uma vez maravilhados os seus admiradores com os primores do seu talento.

Os cincuenta e cinco funcionários superiores da Companhia, presentes à festa, tributaram então ao homenageado vibrante manifestação de aprêço, no que certamente traduziram não só o íntimo sentir da família ferroviária mas até o conceito hoje funda-



O Arquitecto Cottinelli Telmo, entre os Administradores, Ex.^{mos} Srs. Fausto de Figueiredo e Eng.^o Mário Costa, rodeado dos funcionários superiores da Companhia que lhe prestaram homenagem.

mente arreigado ao espírito de todos os portugueses amantes da sua Pátria.

O *Boletim da C. P.* associa-se calorosamente à justíssima homenagem prestada e felicita o notável realizador da Exposição do Mundo Português.

Inundações no Ribatejo

O ano de 1941, contrariamente ao que se poderia prever em relação às poucas chuvas caídas no outono de 1940 e no actual inverno, trouxe uma das maiores cheias dos últimos anos ao Ribatejo.

Parece que o facto se baseia nos intensos frios do final do ano passado que provocaram freqüentes nevões em Espanha, dos quais muitos interessaram a bacia hidrográfica do rio Tejo, o qual, como se sabe, nasce na Serra de Albarracim, lá para os lados de Teruel, não longe de Valência, na costa do mar Mediterrâneo.

No longo percurso para atingir o Oceano Atlântico, o Tejo atravessa o maciço central da Península Ibérica, de clima continental, isto é, caracterizado por frios rigorosíssimos de inverno e por calor escaldante de verão.

Com a elevação da temperatura deu-se o desgelo das grandes quantidades de neve acumuladas e vieram repentinamente ao Tejo consideráveis volumes de água que o leito assoreadíssimo da parte final do mesmo não comportou, pelo que transvasou para os campos marginais.

As vias de comunicação assentes nesta zona do vale do maior rio da Península Ibérica foram bastante prejudicadas com a cheia.

Das linhas férreas mais atingidas citaremos as de Leste, Vendas Novas e Beira Baixa.

A situação mais grave deu-se junto à estação de Setil, como de costume. Desde que as águas do Tejo começaram a subir no leito próprio, o pessoal da Divisão da Via e Obras, nas zonas perigosas, pôs-se imediatamente de prevenção, atento à evolução dos acontecimentos, pronto a intervir com energia e denodo, para evitar ou minorar a possível gravidade do caso.

Em 23 de Janeiro do corrente ano, os efeitos produzidos pelas águas eram já de tal ordem que o tráfego foi suspenso na linha de Vendas Novas, antes da passagem do combóio n.º 301. Tentou-se reparar os danos produzidos,

mas em vão, pois na madrugada de 25 rebentavam os aterros, abrindo-se dois rombos na linha de Vendas Novas e um na de Leste, sendo este o de resultados mais nefastos para a circulação ferroviária nacional.

A aprovação pelo Governo do plano de obras projectadas pela Companhia, tendentes a evitar os prejuízos avultadíssimos que tal estado de coisas produz na economia ferroviária e na da Nação, só se obteve em fins de 1939, quando a aquisição de matérias primas para tais trabalhos de engenharia era impossível na Europa, devido à guerra.

Depois de dificuldades de



O rombo do aterro da linha de Leste, no Km. 56,600. Ao fundo vê-se uma casa de Guarda de P. N. e a estação de Setil. As linhas gerais estão suspensas sobre as águas, que arrastaram terras e pedras, escavando larga passagem de 50 metros. Numeroso pessoal dedica-se, com denodo, à reconstituição da linha.

Fotog. do Eng.º José da Costa

tôda a ordem, conseguiu a Companhia firmar a compra de materiais indispensáveis, na América do Norte, mas a situação internacional, longe de melhorar, mais se perturba e continua a empurrar a vida mundial, pelo que nada ainda foi recebido.

Para remover tais inconvenientes, reviram-se os projectos feitos, substituindo-se materiais de importação por produtos genuinamente nacionais onde isso foi possível.

Tenhamos, pois, esperança de que o ano corrente de 1941 permita finalmente a execução de obras há tanto tempo projectadas e que cada nova cheia mais justifica e torna imprescindíveis.

Publicam - se agora algumas fotografias obtidas no auge do desastre em Setil.

No próximo número, o *Boletim da C. P.* inserirá artigo de maior desenvolvimento e largamente ilustrado acerca de tão momento problema ferroviário.

Visita de engenheiros espanhóis às oficinas da Companhia

A convite da Companhia, chegaram no dia 8 de Fevereiro passado a Portugal, com o fim de visitar as oficinas onde se está procedendo à montagem das carruagens americanas, os seguintes Administradores e altos funcionários dos caminhos de ferro espanhóis: Ex.^{mos} Srs. *Wenceslao Garra*, membro do Conselho de Administração da Companhia Andaluzes-Oeste; *José Maria de Peñaranda y Barea*, membro do Conselho de Administração da Companhia Madrid-Zaragoza-Alicante; *Luiz Aza Diaz*, Engenheiro Chefe da Divisão do Material e Tracção da Companhia do Norte; *Manuel J. Maldonado Lopez*, Engenheiro Chefe da Divisão do Material e Tracção da Companhia Andaluzes-Oeste; *Marcial*



O aterro da linha de Vendas Novas na sua inserção na de Leste, em Setil, foi destruído em 212 metros de extensão.

Fotog. do Eng.^o José da Costa

Bustinduy Bollinga, Engenheiro Chefe da Divisão do Material e Tracção da Companhia Madrid-Zaragoza-Alicante; *Agustin Maria Alejandro Lopez Puigcerver*, Engenheiro Chefe da Unificação do Material Ferroviário; *Rafael Diez Torres*, Engenheiro Chefe do Serviço de Estudos da Companhia do Norte; *Modesto Candela Cardenal*, Engenheiro Sub-Chefe das Oficinas do Material e Tracção da Companhia do Norte; *Demetrio Perez Brotons*, Engenheiro da Divisão do Material e Tracção da Companhia Madrid-Zaragoza-Alicante e os Engenheiros da Direcção Geral de Caminhos de Ferro, *Miguel Garcia Ortega* e *Fermin Garcia Gonzalez*.

No mesmo dia de chegada, assistiram na estação do Rossio à partida do comboio n.^o 55, cuja composição, como é sabido, é formada por aquelas carruagens.

No dia seguinte, domingo, a Companhia ofereceu aos visitantes um almôço no Estoril, findo o qual seguiram em excursão a Sintra e arredores, regressando depois àquela localidade onde, pela «Sociedade Estoril», lhes foi oferecido um chá.

Na segunda feira foram às oficinas do Barreiro e no outro dia visitaram as oficinas dos vagões no Entroncamento.

Ao regressarem a Espanha, no dia 12, manifestaram a sua boa impressão pelas instalações que visitaram e elogiaram a modelar organização das nossas oficinas e a excelente qualidade das carruagens adquiridas na América.

O *Boletim da C. P.* regosija-se com a impressão que deixaram nos nossos ilustres visitantes, os serviços da Companhia.

O ciclone

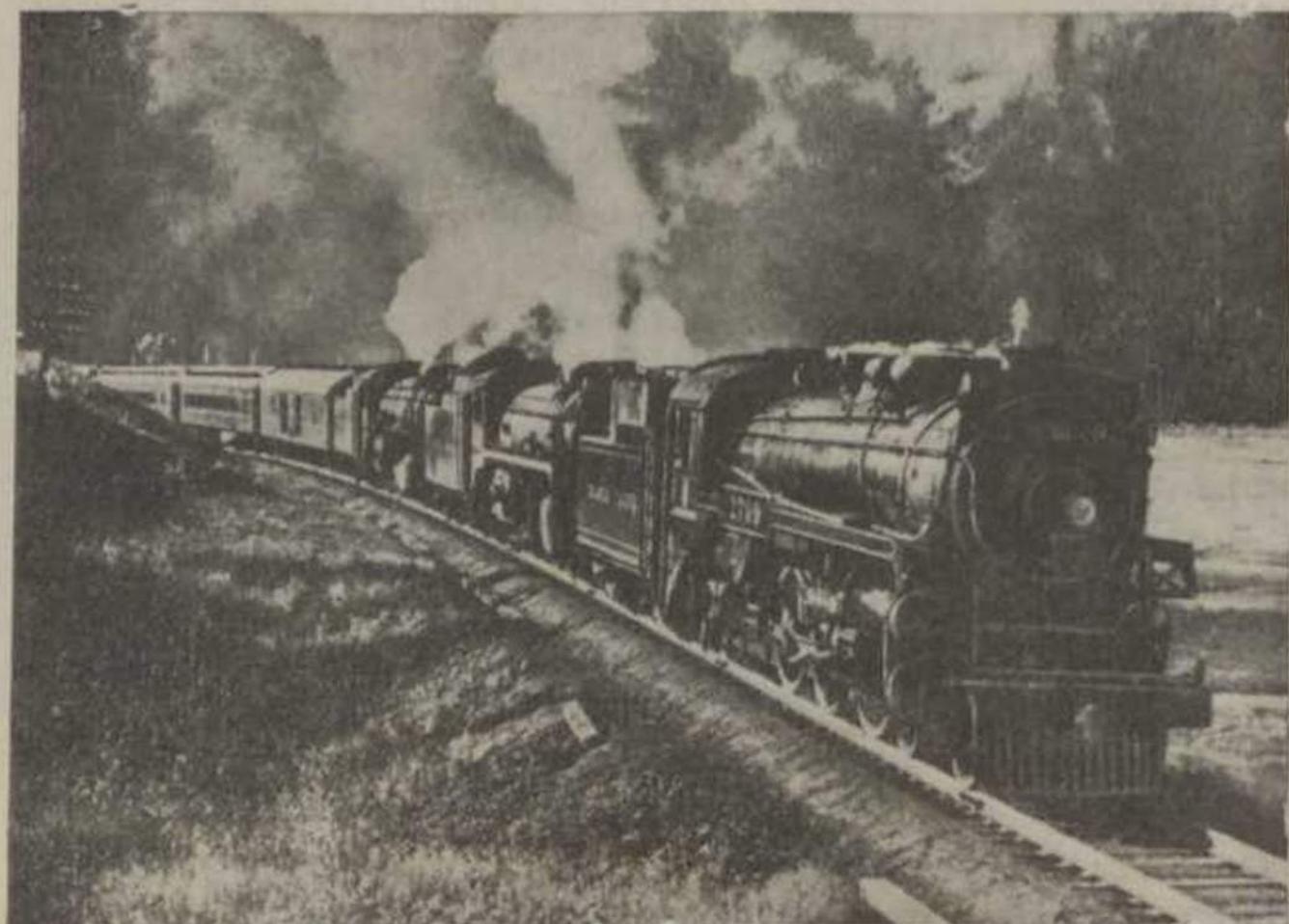
O ciclone que fustigou Portugal, do Norte ao Sul, no dia 15 de Fevereiro, teve como uma das suas principais vítimas os caminhos de ferro. A falta de tempo não nos permite informar os leitores da extensão dos desastres que a Companhia sofreu.

Esperamos poder publicar, em breve, um

artigo, ilustrado com algumas fotografias, acerca dos desastrosos efeitos causados nas nossas linhas pelo terrível vendaval.

Quantidade de vagões carregados e descarregados
em serviço comercial
no mês de Dezembro de 1940

	Antiga Rede		Minho e Douro		Sul e Sueste	
	Carre-gados	Descar-regados	Carre-gados	Descar-regados	Carre-gados	Descar-regados
Período de 1 a 8	5.208	5.198	1.783	1.667	1.672	1.555
> > 9 > 15	5.155	5.191	1.769	1.658	1.714	1.344
> > 16 > 23	5.180	4.777	1.577	1.640	1.960	1.628
> > 23 > 31	6.557	6.366	1.951	1.811	2.833	2.024
Total.....	23.100	21.532	7.080	6.776	7.679	6.551
Total do mês anterior	21.967	21.382	6.404	6.349	9.006	7.572
Diferenças.	+ 133	+ 150	+ 676	+ 427	- 1.827	- 1.021



Impressionante agrupamento de três locomotivas, rebocando um comboio expresso dos Caminhos de Ferro do Canadá-Pacífico, perto da estação de Field, na Colúmbia Britânica.

Pessoal

Actos dignos de louvor

Francisco António Nunes, Carpinteiro do Grupo do Pessoal Permanente, louvado pela Comissão Executiva em sessão de 4 de Dezembro p. p., pelos bons serviços prestados na montagem do Pavilhão da Companhia na Exposição do Mundo Português.

No dia 25 de Novembro último, o Limpador suplementar do Revisão do M. C., José Monteiro, quando procedia à limpeza duma carruagem da composição do combóio 15 do dia anterior, encontrou uma maliinha de senhora, que continha, além de diversos objectos de «toilette», uma nota de 20\$00, e entregou tudo ao encarregado do posto.

Embora estes agentes tivessem cumprido o seu dever, é digno de registo o seu gesto de honradez, motivo por que foram elogiados.

Agradecimento

Assinada pelo Sr. Fernando Vicente, funcionário do Grémio Nacional dos Industriais de Tipografia e Fotogravura, foi endereçada uma carta ao Sr. Engº Chefe da Divisão de Exploração, da qual extractamos os períodos seguintes:

Ex.^{mo} Sr.

Porque a minha consciência e o meu reconhecimento a tal me impelem, venho participar a V. Ex.^a, que em data de 22 do corrente o Ex.^{mo} Snr. José Lourenço, funcionário dessa Companhia e subordinado directo de V. Ex.^a, segundo creio, deu a minha Mãe, muito doente desde Maio do corrente ano, 400 e tal gramas de sangue, em transfusão feita em minha casa pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. Ricardo Horta.

Se o acto do Sr. José Lourenço já de si tem valor, que nunca se paga, maior realce lhe dá a sua atitude para com o signatário, para élé desconhecido horas antes da transfusão, havendo feito o seu conhecimento por intermédio dum amigo comum, também funcionário dessa Companhia. O sr. José Lourenço recusou-se terminantemente a receber das minhas mãos fôsse o que fôsse como recompensa pelo seu gesto altruísta.

E porque a atitude do sr. José Lourenço merece e deve ser conhecida, ao menos dos seus superiores, eu endereço a presente a V. Ex.^a, certo de mais não fazer que o meu dever patenteando-lhe o acto nobilitante dum seu subordinado, o qual doravante contará no signatário mais um amigo sincero e grato.

Desculpe-me V. Ex.^a o haver roubado um pouco do seu tempo e creia-me muito respeitosamente.

Outubro, 1940.

O Boletim da C. P. felicita o Sr. José Lourenço, Empregado de 2.^a classe, dos Serviços Gerais da Divisão da Exploração, pela sua atitude altruísta e desinteressada, tanto mais que não se trata dum caso isolado, pois consta-nos que, até à presente data, 76 vezes praticou actos semelhantes.

Nomeações

Em Dezembro

EXPLORAÇÃO

Empregados de 3.^a classe: Carlos Madeira Brando e Manuel da Fonseca e Costa.

Promoções

Em Dezembro

EXPLORAÇÃO

Sub-inspector: Manuel Martins.

MATERIAL E TRACÇÃO

Acendedores. Fernando Pereira Dias, Augusto Assis Pereira, Francisco Conceição Seabra Travanca.

Mudanças de categoria

VIA E OBRAS

Para:

Encarregado de obras: o Encarregado de pedreiros, Bento da Silva Diogo.

Encarregado de obras: o Encarregado de carpinteiros, Adelino Duarte Gomes.

Encarregado de obras: o Encarregado de carpinteiros, João Castro Semide.

Exames

Pessoal aprovado nos exames para Encarregado de obras

Encarregado de pedreiros: Bento da Silva Diogo.

Encarregados de carpinteiros: Adelino Duarte Gomes e João de Castro Semide.

Carpinteiro do quadro: Sebastião Marques.

Carpinteiros do G. P. P.: António da Silva Moreira, José Romão de Brito e Francisco António Nunes.

Carpinteiros auxiliares: João Alves Freire e João Luiz Capitão.

Reformas

Em Novembro

EXPLORAÇÃO

Arnaldo Ventura Rezende, Encarregado de Contabilidade, em Lisboa P.

Em Dezembro

Joaquim Ferreira de Sousa, Inspector da 8.^a Secção de Contabilidade.

José Dionisio de Magalhães, Chefe principal, de Pombal.

Raúl de Barros Blanquet, Chefe de 3.^a classe, de S. Pedro da Torre.

José da Fonseca, Factor de 2.^a classe, do Pôrto.

Laureano Francisco Pereira, Telegrafista principal, de Alcântara-Mar.

Elvira Margarida Cunha, Empregada de 1.^a classe, do Serviço do Movimento.

Maria da Conceição Gonçalves, Empregada de 2.^a classe, de Campanhã.

António Ferraz, Agulheiro de 1.^a classe, de Con tumil.

Manuel Pinto da Costa, Guarda, de Aveiro.

António Alves, Guarda, de Lisboa P.

José António, Carregador, do Barreiro.

Domingos António Pereira, Carregador, de Campanhã.

António Gomes de Freitas, Carregador, de Amieira

MATERIAL E TRACÇÃO

Carlos Simões, Ordenança.

José Maria Júnior, Limpador.

VIA E OBRAS

Alfredo Henriques Ferreira, Chefe de Repartição do Serviço de Conservação.



† *Manuel Nunes Cabarrão*

Fiel de 1.^a classe



† *José Teixeira de Melo*

Capataz



† *António Ladeiro de Carvalho*

Guarda

António Pedro, Assentador do distrito n.º 18, Tôrres Novas.

Manuel Luiz, Chefe do distrito n.º 138, S. Torcato.

Elvira da Conceição, Guarda do distrito n.º 1/13., Évora.

Adriano Cardoso, Assentador do distrito n.º 437, Almendra.

Falecimentos**EXPLORAÇÃO**

Em Dezembro

† *Manuel Nunes Cabarrão*, Fiel de 1.^a classe, de Alcântara-Terra.

Nomeado Carregador em 29 de Setembro de 1911, foi promovido a Conferente em 21 de Julho de 1916, a Fiel de 2.^a classe em 1 de Julho de 1922 e a Fiel de 1.^a classe em 1 de Janeiro de 1937.

† *António Ladeiro de Carvalho*, Guarda de estação, de Coimbra.

Nomeado Carregador em 21 de Dezembro, passou a Guarda de estação em 24 de Abril de 1924.

VIA E OBRAS

† *João de Oliveira*, Ajudante de Secção no 2.^o lanço da 1.^a Secção, de Cacém.

Admitido como Assentador em 26 de Novembro de 1899, promovido a Sub-chefe de distrito em 1 de Dezembro de 1908, a Chefe de distrito em 21 de Maio de 1910, a Chefe de lanço em 1 de Agosto de 1924 e a Ajudante de Secção em 1 de Janeiro de 1937.

MATERIAL E TRACÇÃO

† *José Teixeira de Melo*, Capataz do Depósito de Gaia.

Admitido em 18 de Abril de 1924 como Limpador suplementar, ingressou no quadro em 1 de Abril de 1926 e foi nomeado Capataz em 1 de Abril de 1931.

45 — É conhecido, de todos nós, que Setúbal é banhada por um lindo «rio» (1) — 3-2.

46 — Um homem claro de espírito não se mete no jogo — 3-2.

47 — Compete ao patrão averiguar se o empregado sabe trabalhar — 3-2.

48 — Ando triste e não tenho descanso enquanto durar esta maldita guerra — 3-2.

49 — Quando se dá um desastre ferroviário, a iniciativa dos primeiros socorros pertence ao chefe da «estação» que primeiro tiver conhecimento do acidente — 3-2.

(Ao Ex.^{mo} Amigo Sr. Ralha)

20 — Os legumes e as «frutas» (2) são o principal alimento do vegetariano — 3-2.

Transpostas: 21 — O espólio do falecido constava apenas de um *travesseiro com almofada* e de um *sapato de soleta* — 2.

(1) de Portugal.

(2) conhecidas.

22 — O homem nem sempre consegue resistir aos caprichos da «mulher» — 3.

Geométricas (1):

23 — 24

Tartárico	• • • •	Apagar
A existência além da morte	• • • •	Que é de arame
Série	• • •	Ócio
Porqué	• •	Filha de Inachô
Vogal	•	Consoante

25 — 26

Encargo	• • • •	Bens
Vontade	• • • •	Pena
Satidável	• • • •	Fandango (esp. de)
Terra	• • • •	Pêso

* * *

Enigmas tipográficos:

27 —	O	(5)	28 —	N	(6)
29 —	NA	(7)	30 —	AD	(7)
31 —	M AS	(8)			

(1) Os pontos são comuns aos dois problemas.

Tabela de preços dos Armazens de Viveres, durante o mês de Fevereiro de 1941

Gêneros	Preços	Gêneros	Preços	Gêneros	Preços
Arroz Nacional A. A. kg.	2\$25	Carvão sôbro-Em Lisboa kg.	5\$60	Milho	lit. 5\$90
» » branco »	2\$60	Carvão de sôbro-Rest. Armazens »	5\$55	Ovos	duz. variável
» » mate.. »	2\$70	Cebolas.....	variável	Presunto	kg. 11\$00
» » glacé .. »	3\$10	Chouriço de carne	14\$50	Petróleo-Em Lisboa	lit. 1\$80
» » gigante .. »	2\$90	Far.ª de milho branco ..	1\$30	Petróleo-Rest. Armazens ..	» 1\$90
Arroz Nacional corrente 1.ª Colonial »	3\$40	Far.ª de milho amarelo ..	1\$30	Queijo da Serra	kg. 14\$00
Açúcar de 1.ª Hornung »	4\$50	» » trigo	2\$30	Sabão amêndoas	» 1\$65
» 2.ª » »	4\$35	Farinheiras	8\$50	» Offenbach	2\$60
» pilé	4\$65	Feijão branco	2\$30	Sal	lit. 5\$20
Azeite extra	7\$40	» frade	2\$00	Sêmea	kg. 5\$80
» fino	7\$00	» manteiga	2\$00	Toucinho	kg. 7\$50 e 7\$60
- » de consumo ..	6\$50	» avinhado	1\$90	Vinagre	lit. 5\$90
Bacalhau logrês ... 7\$20, 7\$10, 7\$60 e	7\$80	Lenha	5\$20	Vinho branco	» 1\$30
» Nacional .. 6\$50, 6\$80, 7\$20 e	7\$50	» de carvalho	5\$25	» tinto-Campanhã	» 1\$40
Banha	8\$00	Manteiga	19\$00	» » -Gaiá	» 1\$40
Batatas	» variável	Massas	3\$75	» » -Rest. Armazens ..	» 1\$40

Os preços dos gêneros sujeitos a imposto são acrescidos desse imposto.

Estes preços estão sujeitos a alterações, para mais ou para menos, conforme as oscilações do mercado.

Além dos gêneros acima citados, os Armazens de Viveres têm à venda tudo o que costuma haver nos estabelecimentos congêneres, e também tecidos de algodão, malhas, atoalhados, fazendas para fato, calçado e louça de ferro esmaltado, tudo por preços inferiores aos do mercado.

Quem fôr económico deverá abastecer-se nos Armazens de Viveres, com o que contribuirá, também, para a prosperidade da sua Caixa de Reformas, que representa o futuro de todo o funcionário ferroviário.

O Boletim da C. P. tem normalmente 20 páginas, seguindo a numeração de Janeiro a Dezembro. Os 12 números formam um volume com índice próprio. Os números deste Boletim não se vendem avulso.

Os agentes que queiram receber individualmente o Boletim deverão contribuir com a importância anual de 12\$00, a descontar mensalmente, receita que constituirá um fundo destinado a prêmios a conceder aos contribuintes, por meio de concursos, e ainda a melhoramentos no Boletim.

Os pedidos devem ser transmitidos, por via hierárquica, à Secretaria da Direcção (Boletim da C. P.).